

Artigos

Metamorfoses identitárias do soldado em meio à guerra: análise comparativa entre os romances *A Oeste nada de novo* e *Mayombe*

Identity metamorphoses of the soldier in the midst of war: comparative analysis between the novels *All Quiet on the Western Front* and *Mayombe*

Michael Jones Botelho¹ 

¹ Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil

RESUMO

Este artigo realiza uma análise comparativa entre os romances *A Oeste nada de novo* (1928), de Erich Maria Remarque, e *Mayombe* (1980), de Pepetela, a partir do tema da fragmentação da identidade do soldado em contextos de guerra. A investigação considera os diferentes cenários históricos - a Primeira Guerra Mundial e a luta pela independência de Angola - para refletir sobre como o combate transforma profundamente os sujeitos envolvidos. São examinados aspectos como a desumanização, o medo da morte e a tensão entre o individual e o coletivo. A literatura, aqui, atua como instrumento de denúncia e de memória, revelando as metamorfoses identitárias causadas pela violência extrema. A partir das narrativas, considera-se que, embora a guerra provoque rupturas profundas, é também na solidariedade entre combatentes que se preservam vestígios de humanidade, possibilitando uma reflexão crítica sobre o sentido e as consequências dos conflitos armados.

Palavras-chave: Guerra; Identidade do soldado; Narrativas de guerra; Literatura comparada

ABSTRACT

This article conducts a comparative analysis between the novels *All Quiet on the Western Front* (1928), by Erich Maria Remarque, and *Mayombe* (1980), by Pepetela, based on the theme of the fragmentation of the soldier's identity in war contexts. The research considers the different historical scenarios - the First World War and the struggle for Angolan independence - to reflect on how combat profoundly transforms the subjects involved. Aspects such as dehumanization, fear of death and the tension between the individual and the collective are examined. Literature, here, acts as an instrument of denunciation and memory, revealing the identity metamorphoses caused by extreme violence. Based

on the narratives, it is considered that, although war causes profound ruptures, it is also in the solidarity between combatants that traces of humanity are preserved, enabling a critical reflection on the meaning and consequences of armed conflicts.

Keywords: War; Soldier identity; War narratives; Comparative literature

1 INTRODUÇÃO

A literatura de guerra, desde suas formas épicas mais arcaicas, até os romances modernos, tem se debruçado sobre o impacto dos conflitos armados na constituição subjetiva dos indivíduos que os vivenciam. Em particular, a figura do soldado emerge como símbolo paradoxal: ao mesmo tempo instrumento de um projeto coletivo de Estado ou ideologia, e indivíduo profundamente marcado pelas experiências limite da guerra. Nesse sentido, o presente artigo propõe uma leitura comparativa entre os romances *A oeste nada de novo* (1928), de Erich Maria Remarque, e *Mayombe* (1980), de Pepetela, a partir do conceito da fragmentação da identidade do soldado em contextos de guerra. Apesar das diferenças temporais, geográficas e culturais entre as duas obras, ambas compartilham o interesse em revelar como o sujeito soldado é atravessado por processos de desumanização, alienação e, por vezes, reconstrução identitária diante do trauma e da morte.

Erich Maria Remarque, escritor alemão e veterano da Primeira Guerra Mundial, oferece em *A oeste nada de novo* um testemunho ficcional pungente sobre a geração de jovens alemães que, sob o peso do nacionalismo e da propaganda bélica, foi tragada pelo conflito mundial. O protagonista *Paul Bäumer* e seus colegas de farda são apresentados em meio a um processo de desagregação interior, no qual o horror das trincheiras anula quaisquer traços da juventude idealista que os levou ao *front*. Por sua vez, *Mayombe*, de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido pelo pseudônimo de Pepetela - escritor angolano e ex-combatente do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) -, revela as tensões internas da luta armada pela independência de Angola, centrando-se na convivência de um grupo de guerrilheiros na floresta do Mayombe. Aqui, o inimigo não é apenas

o colonizador português, mas também as contradições étnicas, ideológicas e psicológicas que corroem a utopia coletiva do movimento revolucionário.

Ambos os romances, cada qual à sua maneira, problematizam tanto a construção, quanto a desconstrução da identidade do soldado diante das pressões do coletivo e do trauma vivido na guerra. Nessa perspectiva, Stuart Hall (2014), ao abordar a identidade moderna em crise, argumenta que “sociedades de mudança constante, rápida e permanente [...] são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes identidades” (Hall, 2014, p. 12). Para Hall, a identidade moderna sofre uma ruptura quando os sistemas de referência que a ancoravam - como nação, religião ou ideologia - entram em colapso diante das transformações históricas e culturais. Essa concepção é particularmente relevante para a análise das obras em questão, nas quais o campo de batalha atua como catalisador da desestabilização do sujeito, expondo a fluidez, a ambivalência e a fragilidade dos referenciais identitários anteriormente assumidos.

A guerra, enquanto evento extremo, transforma-se em palco privilegiado para esse tipo de análise. No *front* ou na floresta, o soldado é arrancado de seus vínculos sociais primários - família, escola, comunidade - e inserido em um universo no qual as normas éticas são suspensas, e a luta pela sobrevivência prevalece sobre qualquer valor anterior. Tal cenário é fértil para a emergência de identidades tensionadas entre o desejo de pertencimento ao grupo e o impulso individual de preservação. A fragmentação identitária, nesse caso, não é apenas psicológica, mas também social e política: o combatente deixa de se reconhecer nos ideais que o mobilizaram e passa a atuar, muitas vezes, por automatismo, medo ou desespero.

Neste estudo, pretende-se examinar como essas transformações identitárias se expressam literariamente nos personagens de *A oeste nada de novo* e *Mayombe*, a partir de três eixos centrais: (1) a desconstrução moral do sujeito diante da violência institucionalizada; (2) as possibilidades e os limites da formação de um coletivo em contextos de guerra e (3) a onipresença do medo e sua função desestabilizadora. Ainda que os contextos históricos - a Primeira Guerra Mundial e a luta de libertação angolana

- sejam profundamente distintos, os dois romances dialogam quanto à exposição crua da experiência do soldado e à reflexão crítica sobre os efeitos subjetivos da guerra.

A escolha dessas duas obras literárias se justifica não apenas por sua relevância literária, mas também pela riqueza de suas vozes narrativas: ambas colocam em cena sujeitos que questionam o discurso heroico tradicional e desvelam as contradições internas de seus grupos. Se, no caso de Remarque, a narrativa assume um tom melancólico e pessimista, em Pepetela há uma oscilação constante entre o engajamento revolucionário e a dúvida, tipicamente humana, corrosiva. Em ambos os casos, a literatura cumpre seu papel crítico ao oferecer ao leitor uma lente ampliada para compreender a guerra não apenas como evento político, mas como acontecimento existencial e transformador.

Assim, ao comparar *A Oeste nada de novo* e *Mayombe* sob o prisma da metamorfose identitária dos soldados, busca-se contribuir para o debate sobre como a ficção literária elabora experiências-limite e questiona as categorias fixas de identidade, revelando que, diante do horror da guerra, não apenas os corpos, mas também as almas dos soldados são feridas, na maioria das vezes, irreparavelmente.

O romance *A oeste nada de novo* foi publicado em 1928, dez anos após o término da Primeira Guerra Mundial, período em que se passa o enredo do livro. Esta guerra foi o primeiro conflito bélico mundial, ocorrido entre julho de 1914 a novembro de 1918. Os dois lados que se opunham ficaram conhecidos como a *Tríplice Entente*, formada pelo Reino Unido, França e Rússia e a *Tríplice Aliança*, constituída pela Alemanha, Itália e Império Austro-Húngaro. Além de ser a primeira guerra que envolveu os quatro cantos do globo, também houve a utilização de novas tecnologias bélicas como, por exemplo, tanques de guerra, submarinos e aviões. Foi marcada pelas trincheiras: os soldados ficavam por muitos dias dentro de buracos que serviam como refúgio, com o fito de conquistar pequenas áreas do território inimigo.

Ao fim da guerra, que culminou na vitória da *Tríplice Entente*, os países da *Tríplice Aliança* foram obrigados a assinar o *Tratado de Versalhes*, o qual impunha fortes restrições e perdas de território aos países vencidos (Hobsbawn, 1995). O resultado de toda essa destruição foi um saldo de mais de 10 milhões de mortos e

30 milhões de feridos, fora o espantoso custo econômico que, segundo o historiador Maurice Crouzet: “Houve não só prejuízo pela falta de crescimento da produção e de natalidade, mas também o endividamento dos países beligerantes que tiveram de contrair empréstimos, ceder parte de suas reservas de ouro e desfazer-se de parte de seus investimentos no estrangeiro” (Crouzet, 1974, p. 45).

Já o romance *Mayombe* narra um outro tipo de guerra, em um período mais recente. Foi escrito no ano de 1970, porém publicado somente dez anos mais tarde, por motivos políticos. Tem como enredo principal a Guerra Colonial, mais especificamente, a Guerra pela Independência de Angola, já que o autor é angolano e participou na guerra de libertação do país. O conflito armado teve início em fevereiro de 1961, estendendo-se até 1974, ano que culminou na *Revolução dos Cravos* em Portugal e a mudança do regime político.

A Guerra pela Independência de Angola contava com dois lados opostos, o dos colonizados – angolanos – que era composto por três principais grupos políticos: o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), o FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) e o UNITA (União Nacional pela Independência Total de Angola) em face dos colonizadores – portugueses – apoiados pela África do Sul. Do ponto de vista militar, foi um conflito de guerrilha, em meio à selva, tática que os portugueses não estavam familiarizados e uma das causas do enfraquecimento de suas tropas. A guerra encerra-se com a culminância do *Golpe de Estado* que Portugal sofreu em 1974, acarretando, assim, na libertação de todas as colônias (Mazrui; Wondji, 2010).

2 POR DENTRO DAS NARRATIVAS DAS GUERRAS

Mayombe é considerada a principal obra literária de Pepetela. O livro é escrito em uma linguagem jornalística, sob a forma de um relato, o qual é narrado a vida dos soldados angolanos em meio à guerra. Esta narração é feita sob a perspectiva de um narrador heterodiegético, onisciente e distante do enredo. Entretanto, em determinados momentos da obra, são colocados relatos em primeira pessoa dos

próprios personagens, os quais comentam fatos vividos por eles no passado, antes de terem adentrado à luta armada. Esse recurso narrativo é frequente ao longo do enredo e reforça ainda mais o cunho jornalístico e memorialístico do livro.

É interessante observar, por meio desses relatos, o ponto de vista dos colonizados frente aos colonizadores, os motivos pelos quais os levaram a participar da guerra e até mesmo as decepções ao se confrontarem com corrupções dentro do seu próprio Movimento. Os soldados fazem parte do MPLA e, ao longo da narrativa, é revelado não somente o cotidiano da vida dos soldados, mas também informações acerca dos cargos executivos do Movimento. Por meio de um enredo autocrítico, são postos em causa os abusos de poder, a corrupção e a intransigência dos líderes que não participam da guerra. Podemos considerar que este é um romance de anti-heróis, pois os protagonistas são analfabetos, têm dúvidas, são racistas e não têm o estereótipo do herói forte e valente da guerra. Desta forma, Pepetela consegue dar mais verossimilhança e realismo à sua narrativa, expondo todas as verdadeiras faces da guerra. Laranjeira sugere que:

Pepetela atrevia-se assim a questionar a construção de imagens de heróis monolíticos, aplicando à ficção a fecundidade da dúvida sistemática, como quando insinua, através de *Sem Medo*, que o poder da guerrilha de libertação nacional já transporta em si o ovo da serpente do poder que, após o triunfo, dominará o povo que ajudou a libertar (Laranjeira, 1995, p. 145).

Uma perspectiva distinta é apresentada em *A Oeste Nada de Novo*. Na obra de Remarque, a narrativa estrutura-se em primeira pessoa, evidenciando a figura do narrador-personagem. Conforme apontam Santos e Oliveira (2001, p. 6), trata-se de um narrador autodiegético, que “relata as suas próprias experiências como personagem central da história”. Em contraste com *Mayombe*, onde a maturidade dos combatentes é superior, os soldados de Remarque são jovens que, sequer, concluíram a educação

básica. Movidos por uma visão romantizada da guerra, encaravam o conflito como uma espécie de aventura — percepção que, para a maioria, revelou-se fatal.

A narração é conduzida por Paul Bäumer, um dos jovens alistados, que relata sua trajetória sob a forma de uma autobiografia, assemelhando-se, nesse aspecto, à estrutura narrativa de *Mayombe*. O enredo detalha o processo de constituição da identidade do soldado, expondo as privações, o confronto com a finitude e, primordialmente, a metamorfose do indivíduo diante dos horrores do front. Ambas as obras fundamentam-se no cotidiano das trincheiras, oferecendo um testemunho fidedigno do sofrimento humano, muitas vezes desconhecido pela sociedade civil.

3 METAMORFOSE E FRAGMENTAÇÃO DA IDENTIDADE DO SOLDADO

No contexto belicista, o indivíduo é compelido a subverter paradigmas éticos e morais previamente consolidados na vida civil. A identidade do soldado, outrora fundamentada em valores de cidadania, atravessa um processo de fragmentação ao assimilar condutas que, em tempos de paz, seriam consideradas reprováveis. Essa transição configura uma verdadeira metamorfose ontológica: ao moldar-se às estruturas militares, o sujeito distancia-se de sua personalidade pregressa, internalizando uma lógica em que o exercício da violência letal é desprovido de interdições morais.

Sob a ótica de Stuart Hall (2014), essa transformação ilustra a crise de identidade do sujeito contemporâneo. De acordo com o autor, o indivíduo, antes dotado de uma identidade pretensamente unificada e estável, vê-se fragmentado diante da crueza e da violência extrema dos combates. O comentário de Hall é fundamental para compreender que o soldado não apenas adquire novas habilidades, mas torna-se um “sujeito descentrado” – uma pluralidade de identidades contraditórias e não conciliadas. No front, o “eu” civil e o “eu” combatente coexistem em constante tensão, resultando em uma subjetividade híbrida e desordenada, cujas ações no campo de batalha frequentemente entram em colisão direta com a essência original do indivíduo.

Em *A Oeste Nada de Novo*, essa fragmentação identitária manifesta-se de forma latente na trajetória de Paul Bäumer. Ao confrontar-se com as calamidades do front,

o narrador percebe em si uma mutação irreversível, admitindo: “O que sabemos simplesmente, neste momento, é que nos tornamos uns brutos de uma forma estranha e dolorosa, ainda que muitas vezes não possamos já sentir a tristeza” (Remarque, 1971, p. 20). Essa “animalização”, reiterada no trecho em que afirma que os soldados se tornam “animais” ao atingirem a linha de frente (p. 45), não é apenas um instinto de autodefesa, mas o estágio embrionário de uma metamorfose ontológica, que o distancia de sua essência humana pré-guerra.

O distanciamento torna-se ainda mais agudo durante o breve retorno ao lar. Nesse episódio, Bäumer experimenta o fenômeno do estranhamento: ele percebe que a alteração não reside nos objetos ou nas pessoas de seu convívio, mas em sua própria subjetividade fragmentada. Ao declarar que existe “um véu e um intervalo” entre ele e as coisas (p. 116), o protagonista confessa sua incapacidade de reintegração à vida civil, sentindo-se um estrangeiro em seu próprio passado.

Contudo, o ciclo dessa metamorfose completa-se no momento em que Paul elimina um soldado inimigo em combate corpo a corpo: “É o primeiro que mato com as minhas próprias mãos e cuja morte seja obra minha” (p. 157). O horror e o remorso que acompanham o ato, consolidam a transição definitiva: a dissolução do jovem sonhador e o nascimento do sobrevivente estigmatizado pela culpa. Nesse contexto de esvaziamento da subjetividade e silenciamento diante do trauma, Walter Benjamin (1994) corrobora essa perspectiva ao analisar a pobreza de experiência dos combatentes no pós-guerra, afirmando que:

Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca. Não havia nada de anormal nisso. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra das trincheiras (Benjamin, 1994, p. 198).

Em *Mayombe*, a fragmentação da subjetividade do combatente apresenta-se de forma mais matizada, em virtude do acentuado caráter político e ideológico que alicerça a narrativa de Pepetela. Nesse contexto, o processo de desconstrução do indivíduo manifesta-se predominantemente no subtexto; contudo, a mutação da personalidade e a percepção dessa metamorfose identitária permanecem presentes no enredo. À semelhança da obra de Remarque, os guerrilheiros de Pepetela são instados ao exercício da violência e à execução de atrocidades sob a égide da libertação nacional. Tal ambivalência é sintetizada no descontentamento do comandante *Sem Medo* ao refletir sobre os soldados inimigos — as tropas coloniais portuguesas — que, assim como ele, são mobilizados por imperativos de defesa da pátria, mas acabam por sacrificar suas existências em nome de convicções que mal chegam a compreender:

Só existe o ódio ao inimigo em abstrato, o ódio ao sistema que os indivíduos defendem. O soldado inimigo pode mesmo estar em contradição com a causa que é forçado a defender. O combatente revolucionário sabe disso; pode mesmo pensar que aquele inimigo é um bom camponês ou um são operário, útil e combativo noutras circunstâncias, mas que está aqui envenenado para matar (Pepetela, 1982, p.213-14).

“Envenenado para matar” é o conceito chave expresso pelo autor para representar a fragmentação da identidade do soldado: o combatente não mais percebe o que é levado a fazer, as atrocidades que é obrigado a cometer, estando realmente envenenado, agindo de uma forma involuntária, de que não seria ele próprio a praticar os males. Ao afirmar que “só existe o ódio ao inimigo em abstrato”, *Sem Medo* desloca o foco da inimizade de uma dimensão pessoal para uma dimensão sistêmica, ressaltando que o verdadeiro alvo do combate não é o indivíduo inimigo, mas o sistema de opressão que ele representa ou é obrigado a defender.

Essa reflexão humaniza o outro lado do conflito ao reconhecer que o soldado inimigo, muitas vezes, é também uma vítima das circunstâncias históricas, ideológicas e econômicas que o colocam em campo. Ao admitir que esse adversário poderia ser um “bom camponês” ou um “são operário”, o personagem evidencia a consciência de que a guerra, enquanto fenômeno estrutural, mobiliza sujeitos que, em outros contextos, estariam do mesmo lado da luta. Esse pensamento rompe com a lógica maniqueísta que costuma reger as representações da guerra, desestabilizando a visão binária de heróis e vilões e promovendo uma crítica aguda à alienação imposta pelos discursos oficiais. A passagem, portanto, não apenas amplia a complexidade moral do conflito narrado, mas também reforça a fragmentação identitária do próprio soldado, que precisa, constantemente, separar o inimigo concreto do inimigo simbólico para sustentar sua ação armada sem perder de vista os ideais humanos que o impulsionam.

4 A POSSIBILIDADE DE DIZER NÓS EM MEIO À GUERRA

O conjunto de crimes, violências e caos presentes na guerra e com os quais os soldados têm de aprender a conviver, leva-os a sofrerem uma mudança, uma fragmentação identitária, consequência das suas adaptações à guerra. O escape do soldado será o “apego” a seus companheiros, o pensamento de que quando se está em grupo, se está salvo: a solidão gera o medo da morte.

Em *A oeste nada de novo* o pensamento e o ato coletivo têm espaço em quase toda a narração, ou seja, na maior parte do enredo, a obra é narrada na primeira pessoa do plural, principalmente quando se conta do sofrimento ou o medo do soldado, pois estes são sentimentos coletivos: “Mas já sabíamos fazer distinções, começamos a ver tudo de uma só vez e notamos que do seu universo nada restava de pé. Depressa nos encontramos terrivelmente sós – era contando só conosco que nos havíamos de livrar de embaraços” (Remarque, 1971, p.15). Somente nesse trecho, a referência à primeira pessoa do plural – NÓS – foi realizada sete vezes, carregando o discurso a favor da possibilidade de expressar o plural, o coletivo e a comum unidade.

O coletivo também está presente até mesmo na descrição de momentos íntimos: “Lembro-me, ainda, quando éramos recrutas, nos sentíamos constrangidos na caserna quando tínhamos de utilizar as latrinas comuns [...] desde então temos aprendido a dominar bem mais que este pequeno sentimento de vergonha.” (Remarque, 1971, p.11-12). Aqui a privacidade é colocada de lado, o soldado tem de aprender a conviver em comunidade, já que o grupo é fundamental para a sobrevivência do mesmo: desde recrutas os soldados já aprendem a dominar os sentimentos em grupo, no conjunto é que eles se fortalecem.

Esse mesmo discurso coletivo, no romance, também se estende à esfera do passado do personagem-narrador *Paul*. Ao se recordar da sua vida antes de ser soldado, ele desfia uma narrativa contando o que viveu com seus companheiros antes de ir à guerra. Em outro momento, quando o protagonista retorna à sua casa no período de licença, ele se sente deslocado do seu meio, o seu “habitat natural”, agora, é em meio à guerra, com seus companheiros e, ao retornar para o *Front*, em seus pensamentos ele diz: “... uma vez que estou com o Kat, o Albert e os outros. Aqui encontro-me no meu meio.” (Remarque, 1971, p.30)

A possibilidade de dizer NÓS em *Mayombe* é mais restrita do que em *A oeste nada de novo*, fator este devido, em parte, às condições sociais dos soldados. No livro africano há a forte presença do *tribalismo*: os soldados se agrupam levando em consideração a sua tribo de origem e os demais soldados, que lutam ao seu lado, mas que não fazem parte da sua terra natal e não têm vínculo algum com seu povo de origem, são discriminados. Por esse motivo é que, ao longo da narrativa, são elucidados diversos episódios conflituosos entre os combatentes. Uma dessas cenas ocorre quando eles estão todos juntos na Base, no meio da floresta do Mayombe, com escassa comida. A falta de suprimentos foi ocasionada pela corrupção do encarregado da cidade, o qual deveria enviar todos os suprimentos para a Base Militar, entretanto não o fez, visto que gastou todo o dinheiro em benefício próprio. Este fator agrava ainda mais o clima de tensão dentro da Base, aumentando, assim, o *tribalismo* e a consequente discriminação entre os soldados.

Ainda, nesse mesmo episódio, podemos observar a atitude do *Comissário* - personagem responsável pelo engajamento político dos soldados - que, ao ir à cidade buscar alimento para os mesmos, se depara com uma série de fatores que o persuadem a pensar e a agir a favor de si próprio e negar a possibilidade do NÓS. Contudo, de maneira paradoxal, por diversas vezes ele pensa nos seus camaradas e na fome que estes certamente estavam passando: "O Comissário queria refilar, dizer que via o jipe a andar dum lado para o outro, por isso havia dinheiro, que se morria de fome na Base, que ele lhe mentira. Mas estava habituado a respeitar os superiores" (Pepetela, 1982, p.81).

Esse personagem tinha o costume de ser subserviente a seus superiores, entretanto ele também exercia autoridade sobre os soldados de sua base e, no trecho a seguir, demonstra o seu caráter de soldado que pensa no coletivo. O discurso se situa no *Comissário* dando uma ordem ao soldado *Verdade*, estabelecendo que no dia seguinte eles deixariam a cidade e retornariam imediatamente para a base:

Verdade calou-se e continuou o caminho. Vai furioso, pensou o Comissário. O seu problema é aquela mulher, com quem queria passar a noite, é evidente. Mas ainda tem tempo, a partida é sempre de madrugada. Com que direito fico eu aqui mais uns dias e mando o Verdade para a base? Mando-o porque lá há pouco efetivo, porque veio para uma missão que já cumpriu. Por isso, não tem razão de ficar. E eu? Porque fico eu? [...] Que direito tenho de mandar o Verdade para a Base, se, pela mesma razão eu não vou? (Pepetela, 1982, p.82-83).

No excerto acima fica evidente o caráter incorruptível do *Comissário* que, mesmo exercendo um cargo superior, não se rende aos seus próprios desejos de permanecer na cidade, regressando, assim, para a base por causa do pouco efetivo que lá havia. Aqui também é dado um indício de que este soldado não sofreu, pelo menos em parte, a fragmentação da sua personalidade, pois ele demonstra valores pessoais e sociais que permanecem intocados do começo ao fim da narrativa. Percebe-se, neste sentido, um indício da ideologia que sustenta a guerra, ou seja,

a crença de que esta é motivada para um bem maior – pela libertação da Pátria – consequentemente, de todo o povo angolano. Assim sendo, esse soldado carrega em si todos esses valores que o diferenciam dos demais soldados.

5 O SOLDADO E O MEDO: DICOTOMIA DA GUERRA

O substantivo “medo” denota um sentimento dicotômico no interior do soldado, visto que, em meio ao tormento da guerra, este deve manter-se firme e lúcido para não se deixar abalar e, ao mesmo tempo, como um ser humano que é, sente medo do perigo, da morte e até mesmo da vida. Essa dualidade de sentimentos é demasiadamente ressaltada em ambos os romances – é possível detectar que o fato de o soldado sentir medo ocorre como forma de proteção e este sentimento suscitará reações diversas e divergentes nos soldados em ambos os romances.

Assim, podemos conceber que o medo é um sentimento que, embora proteja o combatente em diversas situações de perigo eminente, deve ser rejeitado e nunca explicitado publicamente no contexto de guerra, já que, a todo o momento, é primordial para o soldado afirmar a sua virilidade e masculinidade face aos outros guerrilheiros. Em consonância a esse fato, o sociólogo Pierre Bourdieu tece um comentário acerca da identidade masculina e corrobora que:

Como a honra – ou a vergonha, seu reverso, que, como sabemos, à diferença da culpa, é experimentada *diante dos outros* –, a virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de “verdadeiros homens”. Inúmeros ritos de instituição, sobretudo os escolares ou militares, comportam verdadeiras provas de virilidade, orientadas no sentido de reforçar solidariedades viris (Bourdieu, 2011, p. 65).

Em *A oeste nada de novo* o medo é evocado, principalmente, nos momentos em que o soldado se encontra totalmente só, sem seus companheiros. Esse medo

é exposto como uma ameaça à sobrevivência física, mas também psicológica do combatente. Constatamos esse ponto em uma situação particular do livro, quando o protagonista sai para uma missão de patrulha - que envolve um grande risco de morte e é feita no período noturno - com precária visibilidade: “Ao mesmo tempo apodera-se de mim um medo insensato. Estou completamente só e perdido na escuridão” (Remarque, 1971, p.149). A solidão e o escuro estão intimamente ligados à vida do soldado, como algo sempre prejudicial e negativo.

Como já explicitado anteriormente, na obra de Remarque a importância dos amigos camaradas na vida do soldado é fundamental, vida aqui entendida como processo de sobrevivência e de resgate, feitos a partir da ligação fraternal entre os companheiros que, por meio de suas vozes, resgatam o personagem-narrador da escuridão:

[...] estas poucas palavras pronunciadas em tom baixo [...] arrancam-me de uma vez à atroz solidão do receio da morte, ao qual me tinha quase abandonado. Estas vozes são mais do que a minha vida [...] já não sou um pedaço de existência tremente, isolada na escuridão [...] nessas poucas palavras que me salvaram e me serviram de sustentáculo (Remarque, 1971, p.151).

Essa passagem revela com intensidade poética e emocional a centralidade do coletivo como suporte existencial diante do horror da guerra. As “poucas palavras” sussurradas no *front* não são apenas um consolo momentâneo, mas uma âncora que resgata o soldado da solidão extrema e do medo frente à iminência da morte. Em meio ao caos das trincheiras, onde o medo se converte em uma presença constante e desagregadora, a comunicação com o outro - ainda que mínima - adquire uma força vital capaz de restaurar fragmentos de humanidade. O narrador, ao afirmar que já não é um “pedaço de existência tremente”, explicita como o vínculo com o coletivo interrompe a sensação de esfacelamento identitário, oferecendo sentido e sustentação num espaço onde a vida parece perder completamente seu valor. A cena, expressa uma das teses centrais do romance: a solidariedade entre soldados, por

mais silenciosa ou efêmera que seja, funciona como um dos poucos antídotos contra a desumanização total imposta pela experiência da guerra.

O mesmo sentimento, porém, sentido em situações diferentes, é descrito em *Mayombe*. Nesse romance o medo é retratado de uma forma mais natural, revelando-se, em partes, contraditório, como se esse sentimento fosse intrínseco ao soldado, inseparável. O fato de o comandante do grupo de soldados ter a alcunha de *Sem Medo*, expõe essa antítese, já que na maioria das situações o mesmo demonstra não sentir tal emoção, entretanto, ao ser questionado sobre esse fato, *Sem Medo* responde:

Eu? Às vezes sinto, sim. O pulso acelera-se, tenho frio, mesmo dor de barriga. Outras vezes não. Geralmente, nos momentos de maior perigo, fico calmo, lúcido. Penso sempre que assustar-me é pior. Isso ajuda. Mas procuro sempre o medo, isso é verdade. Não tenho propriamente medo da morte, assim, a frio. Tenho medo é de me amedrontar quando vir que vou morrer, e perder o respeito por mim próprio (Pepetela, 1982, p.42).

E este medo de *Sem Medo* não é materializado no fim da obra. Nas últimas cenas do livro, quando está prestes a morrer, afirma não sentir dor e pede para os outros soldados não se preocuparem com ele, já que não tem medo da morte. Um outro soldado, cuja alcunha é *Teoria*, é o que mais sente medo da vida e da identidade do *ser soldado*. É explicitado, ao longo na narrativa, que ele está ali apenas por questões ideológicas e de caráter. *Sem Medo* o interroga sobre esse assunto e *Teoria* afirma: “Sim, tenho sempre medo. O medo persegue-me. Não sei porque to digo, mas é a verdade. Tenho medo de fazer guarda à noite, tenho medo do combate, tenho medo mesmo de viver na base...” (Pepetela, 1982, p.40).

Conforme exposto, o medo em *Mayombe* é articulado como uma dimensão intrínseca à condição do combatente, conferindo a esse sentimento uma verossimilhança e uma densidade psicológica que humanizam a narrativa. Tal

perspectiva estabelece uma ruptura dialética com os pressupostos de Pierre Bourdieu (2011). Para o sociólogo, a virilidade é frequentemente imposta como um imperativo social – um “dever-ser” que exige a negação sistemática da vulnerabilidade e do temor para a preservação do capital simbólico masculino.

Todavia, no universo de *Pepetela*, a masculinidade não é abalada pela admissão do medo. Pelo contrário, os guerrilheiros demonstram uma consciência aguda de sua própria fragilidade ontológica. Ao reconhecerem o medo como componente de sua humanidade, esses personagens subvertem o “ethos” viril tradicional: a coragem não reside na ausência de temor, mas na capacidade de operar politicamente, apesar dele. Assim, a obra afasta-se da visão de Bourdieu ao propor uma identidade de soldado que integra a sensibilidade e a autoconsciência, em vez de reprimi-las sob uma máscara de invulnerabilidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São várias as faces de uma guerra, a esmagadora maioria delas drásticas e devastadoras para todos os seres humanos. Contudo, para aqueles que estão na linha de frente - os soldados -, essa devastação adquire contornos ainda mais profundos e duradouros. A guerra não apenas dilacera corpos, mas corrompe subjetividades, altera vínculos, desestrutura valores e redesenha fronteiras internas de identidade. Mesmo quando sobrevivem fisicamente, os combatentes carregam as marcas de uma fragmentação psíquica e moral difícil de reparar. Nos romances aqui discutidos, observamos como a experiência da guerra é retratada como um catalisador de metamorfoses identitárias, revelando sujeitos que, ao serem inseridos em ambientes de violência e opressão, perdem a capacidade de se reconhecer nos valores que antes sustentavam suas existências.

Os personagens de ambas as obras oscilam entre a desumanização imposta pelas estruturas bélicas e a tentativa de preservar uma fração mínima de humanidade.

Em *A oeste nada de novo*, a dor da perda, o silêncio das trincheiras e a brutalidade cotidiana corroem lentamente a identidade do jovem *Paul Bäumer*, que se vê alienado de sua própria juventude e do mundo civil que deixou para trás. Já em *Mayombe*, os guerrilheiros enfrentam não apenas o inimigo colonial, mas também dilemas éticos, conflitos ideológicos e tensões étnicas que desestabilizam qualquer ideal coeso de coletividade. Ainda assim, em ambos os romances, há resquícios de resistência: nos gestos solidários, nas palavras sussurradas, na compreensão de que o outro, ainda que inimigo, também é humano. Essas brechas permitem entrever a possibilidade de reconstrução, mesmo em meio ao esfacelamento.

O que se salva, então, em uma guerra? O que resta do humano quando o entorno se converte em campo de extermínio físico e simbólico? Talvez o que subsista, como demonstram as narrativas analisadas, seja a memória não como glorificação do heroísmo, mas como denúncia e testemunho das dores que a guerra imprime em cada sujeito envolvido. A literatura, nesse sentido, não apenas registra o horror, mas o reelabora criticamente, oferecendo ao leitor a chance de compreender que os conflitos armados não se encerram com tratados de paz: eles continuam vivos nas subjetividades feridas, nas identidades fragmentadas e nas histórias silenciadas.

Ao final deste percurso analítico, é possível afirmar que *A Oeste nada de novo* e *Mayombe* são obras que não apenas tematizam a guerra, mas interrogam seus efeitos mais íntimos e duradouros. Ambas contribuem para uma visão crítica dos desastres das guerras, recusando simplificações ideológicas e humanizando os sujeitos envolvidos. Servem, assim, como marcos da resistência literária frente à barbárie, convocando-nos a refletir sobre o preço que se paga - individual e coletivamente - cada vez que se opta por resolver conflitos por meio da violência. Que a leitura dessas obras possa servir como instrumento de memória e advertência, para que as vidas destruídas pelas guerras, reais ou ficcionais, não tenham sido em vão.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- CROUZET, Maurice. **História geral das civilizações**. São Paulo: Difel, 1974.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- HOBBSBAWN, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LARANJEIRA, Pires. **Literatura Africana de Expressão Portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- MAZRUI, ALI A.; WONDJI, Christophe (org.). **História geral da África**: África desde 1935. v. VIII. Brasília: UNESCO, 2010.
- PEPETELA, Artur Pestana. **Mayombe**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1982.
- REMARQUE, Erich Maria. **A oeste nada de novo**. Trad. Mário C. Pires. Lisboa: Europa-América, 1971.
- RICHARD, Lionel. **A república de Weimar (1919-1933)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SANTOS, Luis A. B.; OLIVEIRA, Silvana P. de. Sujeitos ficcionais. In: **Sujeito, tempo e espaço ficcionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Contribuição de Autoria

1 – Michael Jones Botelho

Doutor em Letras - Literatura e suas linguagens pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM/SP).

Universidade Presbiteriana Mackenzie

<https://orcid.org/0000-0002-0778-5272> • michael_jonesb@hotmail.com

Contribuição: Conceituação, Metodologia, Escrita – revisão e edição.

Conflito de Interesses

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Lit&Aut/UFSM mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A Lit&Aut/UFSM mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editora-chefe

Rosani Ketzer Umbach

Como citar este artigo

BOTELHO, M. J. Metamorfoses identitárias do soldado em meio à guerra: análise comparativa entre os romances *A Oeste nada de novo* e *Mayombe*. **Literatura e Autoritarismo**, n. 45, e92648, 2026. DOI: 10.5902/1679849X92648. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/92648>. Acesso em: 22 jun. 2026.